



## > DOSSIÊ ARTES EM FESTAS: TRANSGRESSÕES E UTOPIAS

### **Lis Furlani Blanco**

> *Comitê Editorial*

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora Visitante na University of California – Berkeley e pesquisadora do Ateliê de Produção Simbólica e Antropologia (APSA)

### **Adriano Santos Godoy**

> *Comitê Editorial*

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisador visitante na Universiteit Utrecht e pesquisador do Laboratório de Antropologia da Religião (LAR)

*Desde outrora até hoje a festa sempre se definiu pela dança, pelo canto, pela ingestão de alimentos, pela bebedeira. É preciso entregar-se a ela no grau máximo possível, até o esgotamento, até o adoecimento. É a lei própria da festa. (CAILLOIS, 2015: 15)*

O Brasil ganhou destaque na imprensa internacional no carnaval de 2019. Não por causa da tradicional e mundialmente conhecida magnitude de suas festas e movimentações populares, mas a partir de uma polêmica protagonizada pelo presidente da república recém-eleito. Durante a semana das festividades carnavalescas, Jair Bolsonaro publicou em sua conta pessoal do Twitter um vídeo de uma dupla de atores realizando uma performance de conteúdo explicitamente sexual, com a seguinte afirmação: “Não me sinto confortável em mostrar, mas temos que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades. É isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro. Comentem e tirem suas conclusões:”. Após a postagem, o tweet do presidente se tornou um dos assuntos mais comentados da terça-feira de carnaval e, foi seguido, na manhã de quarta-feira de cinzas, por uma nova publicação com a seguinte pergunta: “o que é golden shower?”.

A repercussão das publicações de Jair Bolsonaro foi grande, e o tweet do presidente apareceu nos “trendings topics” de todo o mundo, sendo seguido por um movimento que buscava mostrar o outro lado do carnaval, o qual não foi valorizado e divulgado pelo atual presidente: uma festa popular, criativa, contestadora e extremamente democrática e politizada. A dupla que realizou a performance criticada por Bolsonaro manifestou-se prontamente, enfatizando que o ato era, acima de tudo, político - os participantes do Bloco, “um bloco com muito brilho feito para escandalizar e carnavalizar geral”, afirmaram que o objetivo

central era protestar “contra o conservadorismo e colonização dos nossos corpos e nossas práticas sexuais”.

Em resposta às publicações do presidente, os advogados da dupla que realizou a performance divulgada por Bolsonaro entraram com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal, afirmando que o presidente teria “extrapolado suas funções como chefe de Estado ao expor as pessoas que aparecem no vídeo, colocando-as em risco e desrespeitando direitos garantidos na Constituição”. Alguns dias depois, a publicação foi apagada da conta de Bolsonaro, seguida de uma nota que afirmava que “não houve a intenção de criticar o carnaval de forma genérica, mas sim caracterizar uma distorção clara do espírito momesco, que simboliza a descontração, a ironia, a crítica saudável e a criatividade da nossa maior e mais democrática festa popular”. Apesar da grande repercussão, gostaríamos de ressaltar que essa tensão entre os poderes públicos e as festas de rua não é nada nova e as contribuições que constroem esse dossiê deixam isso evidente: são abordados casos de disputas entre foliões e poderes públicos desde o início do século XIX até o século XXI.

Nesta segunda parte do Dossiê Artes em Festas, inspirados pela coleção de trabalhos apresentados e motivados pela atual conjuntura política do país, tentamos apontar caminhos para debater perguntas centrais nas discussões antropológicas sobre arte: onde estabeleceremos o limite entre a arte e a sociedade? Entre a expressão estética e a significação? Entre a função simbólica e a função social? (LAGROU, 2003) Ou ainda, seria esse limite analiticamente e politicamente relevante para pensarmos certas relações entre arte, festa, religião, identidade e poder?

É extensa a literatura antropológica que aponta respostas e caminhos para essas questões. Tão extensa que na organização do presente dossiê decidimos que, após o recebimento de um número considerável de trabalhos, iríamos dividir as contribuições aprovadas em dois volumes da **PROA**, organizadas de acordo com certas proximidades temáticas. A primeira edição (GODOY, BLANCO, 2018) aborda a potência do corpo enquanto ator e mediador das práticas artísticas, sobretudo pela dança, e a festa enquanto um ritual pautado por tradições e memórias religiosas.

Nessa segunda edição, tendo em vista a recente efervescência de manifestações artísticas que podem ser compreendidas e, se autodenominam como políticas, a proposta é apontar caminhos e metodologias que compreendam as festas de rua como um momento ritual que é político em si, que tem a transgressão como fundamento primordial (CAILLOIS, 2015; BATAILLE, 1987). Além de buscar desvelar como essa expressão estética tem sido construída, nos últimos anos, como palco de uma disputa que vai além de uma crítica social circunscrita a esse momento ritual (BAKHTIN, 1987; 1997).

Concordando com a proposição de Alfred Gell (2018) de que a arte possui uma função nas relações estabelecidas entre os agentes sociais, mas que também a arte e os rituais enquanto sistemas simbólicos agem tanto como modelos de ação, como modelos para a ação (GEERTZ, 1983) - isto é, que os símbolos não somente representam mas transformam o

mundo - indagamos, em face da nota da Presidência, o que seria uma “crítica saudável”, no contexto político atual, ou ainda, o que seria uma distorção do espírito momesco? Não seria a função do espírito momesco elucidar seus próprios modelos de ação e também agir como modelos para a ação?

Inspirados pelas propostas analíticas e etnográficas apresentadas nos artigos e ensaios visuais deste dossiê e buscando tecer relações com eventos que ocorreram nos últimos anos no país, e que contribuem para o presente debate, propomos, neste volume, pensar as festas enquanto práticas sociais que não só representam, mas também transformam o mundo. Para isso, organizamos esta apresentação em três eixos principais.

Primeiro abordaremos como as festas produzem efeitos e transformam o mundo - são um objeto construído a ser explorado a partir de algumas dimensões, como as formas de sociabilidade, a noção de pessoa, e aqui especificamente, em relação ao universo das artes (CAVALCANTI, 2006), entendendo este como uma função social, simbólica e principalmente política.

Em seguida, buscaremos explorar a variedade de análises aqui apresentadas sobre essas temáticas enfocando em seus enquadramentos teóricos particulares, mas principalmente destacando como as descrições etnográficas nos mostram como, na prática, os limites entre a arte e a sociedade se extrapolam, se fundem.

Como considerações finais, gostaríamos de provocar algumas discussões sobre a importância das festas e das artes na atual conjuntura, pensando nelas como algo além de crítica social por si só, isto é, como desprovida de uma potência transformadora.

### **As festas populares e a força utópica**

Roger Caillois (2015), em um texto publicado originalmente em 1939, desenvolve o que chama de uma teoria da festa. O ensaísta francês baseia-se em uma série de descrições etnográficas de festas, em diversas partes do mundo, em busca de um denominador comum que possa defini-las, heurísticamente, em termos rituais. Como ressaltamos na citação que inicia essa apresentação, para Caillois (2015) a festa é compreendida como o momento em que os excessos e a transgressão de todas as normas vêm à tona. Em suas análises, a festa se constrói em íntima relação com a norma, sendo institucionalizada pela religião ou pela lei. É durante a festa que deve acontecer tudo aquilo que não é permitido antes ou depois dela.

A festa marca a passagem do tempo, mas para isso precisa explorar os limites que o contém, testar até que ponto certos atos são permitidos, e assim, posteriormente, todos aqueles envolvidos nestes rituais tomam consciência dos limites que os regem: “Por isso os excessos são então permitidos. Torna-se importante agir contra as regras” (CAILLOIS, 2015, p. 19). Ao explorar os relatos etnográficos das festas, o autor francês demonstra como os limites muitas vezes são corpóreos: a exaustão, o cansaço, a embriaguez, a sexualidade, o desperdício são marcadores das fronteiras daquilo que é permitido. Nesse sentido, o excesso “é necessário para o sucesso das cerimônias celebradas, faz parte de sua virtude santa e, ao

lado delas, contribui para renovar a natureza ou a sociedade. Parece ser este, de fato, o objetivo das festas. O tempo consome, extenua” (CAILLOIS, 2015, p.19).

Fortemente influenciado por Roger Caillois, é Georges Bataille (1987) quem incorpora a teoria da festa em suas análises sobre religião, mas também sobre erotismo. Na obra de Bataille esses excessos estão diretamente relacionados à sexualidade, as religiosidades e a guerra. Para ele são momentos de busca de uma animalidade perdida, de um retorno às sensações do corpo pelo prazer e pela dor. Essa seria a forma de questionar as regras, testando seus limites e alcançando novas fronteiras.

Inspirados pela lente analítica de Caillois (2015) e Bataille (1987), podemos traçar um paralelo heurístico, mas também material e fenomenológico para analisarmos a performance do Bloco, durante o carnaval de 2019, apresentada nos primeiros parágrafos deste texto. A performance artística ocorreu durante uma festa e, de certa forma, extrapolou limites escatológicos e sexuais, questionando as demarcações entre o público e o privado, sendo logo em seguida, defrontados com as normas e regras promulgadas diretamente pelo mais alto cargo de poder do país. Se definindo em relação à homossexualidade, a urina e a violência, o Bloco vai de encontro com temas cruciais desenvolvidos pelo filósofo. Segundo Bataille,

o horror que temos aos cadáveres se parece com o que sentimos diante das dejeções alvinas de origem humana. Esta aproximação tem sua razão de ser, visto que temos um horror semelhante aos aspectos da sensualidade que qualificamos de obscenas. Os condutos sexuais evacuam dejeções; nós os qualificamos de “partes pudendas”, e a eles associamos o orifício anal. Santo Agostinho insistia, não sem sofrimento, na obscenidade dos órgãos e da função de reprodução. “Inter faeces et urinam nascimur”, dizia: “Nascemos entre fezes e urina”. Nossas matérias fecais não são o objeto de um interdito formulado por regras sociais meticulosas, análogas às que atingiram o cadáver ou o sangue menstrual. Mas, no conjunto, por deslizamentos, formou-se uma área da imundície, da corrupção e da sexualidade cujas conexões são muito sensíveis. (BATAILLE, 1987: 39-40).

Em suma, se a festa tem como objetivo explorar ao máximo as transgressões, testar os limites dados, conseqüentemente é nos tabus que encontrará a capacidade de expressão da obscenidade. Dentro da proposta provocadora de Georges Bataille (1987) sobre erotismo, a teoria da festa de Roger Caillois (2015) também é levada a seu limite: sangue, urina e fezes. Dejetos humanos materializam os excessos do corpo e marcam ritualisticamente os excessos das regras sociais.

Contudo, se nos afastamos um pouco dessa análise das festas como o local dos excessos e da transgressão por si só, e nos voltarmos a problemática das festas e rituais enquanto importante locus de análise social e cultural, podemos afirmar que sua origem data do início da disciplina antropológica. De acordo com Vitor Turner, “decifrar as formas rituais

e descobrir o que gera as ações simbólicas pode ser mais próximo de nosso crescimento cultural do que nós supusemos” (TURNER, 1975, p. 31). Em diálogo com análises clássicas da antropologia (LEACH, 1954, 1966; DOUGLAS, 1976; TURNER, 1957, 1967, 1975), que, de certa forma, renovaram os estudos dos rituais ao tomar como foco a ambiguidade, os estados intermediários, as contradições e romperem com uma Antropologia até então preocupada com a padronização (CAVALCANTI, 2013, p. 415), gostaríamos de trazer a atenção para a importância de compreendermos também as festas enquanto mecanismos culturais que dão lugar para certo conflitos entre forças - uma que tende a ‘univocalização’ e ‘enquadramento do sistema’ e outra que promove ambivalência e transgressão.

As festas populares, ou aquelas compreendidas como ‘carnavalescas’ (BAKHTIN, 1987; 1997), teriam esse papel de inverter os valores oficiais, de materializar as transgressões, como bem apontaram Caillois (2015) e Bataille (1987). Com um sentido transtemporal e universal essas festas lidariam com a crise propriamente dita e a partir dela iriam desconstruindo, por dentro, as instituições de poder.

Apesar de também usar o termo crise para tratar das festas carnavalescas, o tempo intercalário ou liminar como o momento de atravessamento de um limite (TURNER, 1957, 1967, 1975) - um momento de crise e revolta no campo da lei e contra lei - Bakhtin (1987; 1997) enfoca nos componentes materiais desse processo que se revela no corpo humano enquanto um espaço de potencialidade. De acordo com Bakhtin (1987; 1997), todos os artefatos culturais (produtos de criação ideológica, como por exemplo, arte, tratados acadêmicos, símbolos religiosos, ritos etc) manifestam-se enquanto coisas materiais. Para o autor, esses artefatos são, no entanto, coisas de uma ordem específica pois transmitem sentido, formam significado e tem valor (LACHMANN, 1988, p.136).

Dessa forma, as festas populares e, mais especificamente o carnaval, sendo este a soma de diversas festividades, operariam um princípio de significação do mundo por meio de formas simbólicas concretas e sensoriais (BAKHTIN, 1987; 1997). Com grande foco na materialidade e com isso na ‘matéria’ como incorporadora e potência na construção da cultura, Bakhtin, traz uma visão das festas que vai além da compreensão destas como símbolos que propulsionam a ação social. Sendo Bakhtin (1987; 1997) o principal autor que perpassa a maior das análises que constroem esse dossiê, parece-nos essencial discutir as potências e os limites desse tipo de análise, encontrando também as similitudes e as diferenças com os principais autores que discutem o tema na literatura antropológica.

Mesmo antes de Turner, as análises de rituais e festivais estiveram no cerne do interesse das pesquisas em humanidades. Como mencionamos na apresentação da primeira parte do dossiê (GODOY, BLANCO, 2019), no Ramo de Ouro, de James Frazer, o qual teve sua primeira publicação em 1890, a palavra “Festa” é mencionada quase duzentas vezes. Émile Durkheim, contemporâneo de Frazer, também via nas festividades um locus privilegiado para se compreender a sociedade.

Edmund Leach (1961), ao retomar as análises Durkheimianas em “Rethinking an-

thropology”, aponta como Durkheim entendia o festival como um momento de transição de uma ordem normal e profana das coisas para uma nova ordem, anormal e sagrada. Nesse sentido, a torrente durkheimiana desenvolveria uma visão do ritual como a própria sociedade em ato, como lugar por excelência de um tipo de experiência na qual o poder transformador e criativo das representações coletivas se realiza na consciência dos sujeitos (CAVALCANTI, 2000, p.415).

Em diálogo com essa perspectiva Roberto DaMatta, em “Carnavais, malandros e heróis” (1997), se propõe a entender e desvelar “o que faz o Brasil, Brasil” (1997). Citando John Luccock, Da Matta afirma que “já se observou muitas vezes que uma comunidade se retrata tão bem por meio de seus divertimentos, como por meio de suas maneiras de pensar e agir sério” (DAMATTA, 1997). O antropólogo brasileiro “interpreta o ritual na esteira de sua dimensão cósmica, definidora de regiões cuja modificação acarretariam não uma revolução, mas a perda do sentido de nossa comunidade enquanto grupo (CAVALCANTI, 2000, p. 9). Segundo ele, os “ritos servem para promover a identidade social e construir seu caráter” (CAVALCANTI, 2000, p. 3).

A partir do exercício de uma análise estrutural do carnaval, que busca construir uma ‘sociologia do dilema brasileiro’, DaMatta se aproxima muito de análises como a de Gluckman, Turner e Roger Sales, nas quais o carnaval é também definido como uma válvula de segurança para que as pessoas possam descarregar os problemas cotidianos (LACHMANN, 1988). O carnaval, sendo um dos principais ritos do Brasil, seria um momento privilegiado para a percepção da ambiguidade entre sistema de valores conflitantes, que constituiria o ‘caráter nacional brasileiro’ (CAVALCANTI, 2000).

Segundo Bakhtin (1987; 1997), no entanto, o carnaval é algo expressivo antes de ser instrumental. Para o autor a principal característica do carnaval é ser uma revolução permanente, que vai contra os objetivos positivistas da revolução como evento de apenas um ato. A cultura carnavalesca se comunicaria com a cultural oficial por meio de seus ritos concretos, tanto textuais como corporais. Nesse momento, em vez de erradicar a ambivalência, para um equilíbrio da sociedade (mesmo que já transformado), ela é radicalizada (LACHMANN, 1988, p.127). Não apenas heurísticamente, mas em termos rituais, a cultura do carnaval não teria para Bakhtin um ‘telos’.

Parece-nos então, extremamente relevante pensar conjuntamente à Bakhtin (1987; 1997), mas à luz do material etnográfico aqui apresentado, como compreender esses rituais festivos em relação à estrutura e à história, à política e ao artístico, ao sagrado e ao profano. Como bem aponta Cavalcanti (2000) sobre a obra de DaMatta, ao revisita-la 20 anos depois, parece-nos central que uma das principais críticas possíveis de serem feitas à obra de DaMatta está diretamente relacionada com a pesquisa de campo e o material etnográfico. De acordo com a antropóloga, o campo de “Carnaval, malandros e heróis” foi construído a partir do imaginário social de um cotidiano nacional. Nesse sentido, a análise do ritual proposta por DaMatta, suspende o tempo histórico, resgatando e instaurando sua totalidade, e

assim, a natureza histórica da noção de nação é abstraída dos argumentos (CAVALCANTI, 2000).

Nos trabalhos que compõem esse dossiê, é exatamente por meio da riqueza etnográfica que a materialidade e os efeitos de certas práticas rituais são discutidas, trazendo à tona seu caráter questionador, com potencial transformador. A partir de análises etnográficas cuidadosas, os trabalhos aqui apresentados não buscam interpretar rituais, ou usá-los como lentes para compreensão de certos grupos, mas sim explorar a potência desses momentos como forma de questionar dualidades antropológicas clássicas: matéria e representação, corpo e mente, estrutura e história. A política no sentido amplo de relações e os efeitos de poder são centrais nesses trabalhos, bem como a estética como questionadora da construção do sentidos. Ideias como as de nação, identidade, devoção, relações raciais são compreendidas por meio de seus efeitos práticos na criação e na transformação da realidade.

Em diálogo com a perspectiva proposta na primeira parte desse dossiê, concordamos que é difícil enquadrar teoricamente a festa porque seu emaranhado de conhecimentos busca, justamente, fugir das normas, transgredir as lógicas cotidianas e os padrões esperados (BRANDÃO, 2010), mas a partir dessa ampliação de possibilidades podemos compreender esses rituais como efetivamente práticas de restauração e renascimento.

### **Traçando relações: a potência etnográfica das festas**

Por meio da análise de uma performance com proposta muito semelhante àquela realizada pela dupla do Bloco, o artigo de Alyssom Lemos e Alice Dote apresenta a experiência de um coletivo artístico cearense que produz a festa de carnaval “não apenas como recurso cênico” e sim, como uma “ética de existência”. É o trabalho de Bakhtin (1987) quem embasa a proposta do grupo de teatro do Ceará, principalmente porque seu trabalho busca trazer a experiência de carnaval de rua para momentos que se organizam fora da sua data oficial. É o objetivo desse coletivo transformar os espaços públicos e as pessoas que por ele transitam a partir de uma corporalidade específica, na qual os atores associam-se e se sobrepõem às corporalidades presentes nas tragédias gregas. O limite explorado é justamente da temporalidade, o marcador essencial da festa.

O artigo de Mariane Tutui, partindo de uma análise histórica, aponta como a festa do Entrudo foi perseguida no começo do século XIX, chegando a ser oficialmente proibida após a independência do país, mas, mesmo assim, continuou acontecendo com alta popularidade nas ruas de diversas cidades, retratadas por Jean-Baptiste Debret. A autora baseia-se também em Bakhtin (1987), a partir da leitura de Peter Burke, para argumentar como o período das festas de carnaval “substitui o tempo linear, o tempo de mudança, pelo tempo circular, o tempo de repetição” (BURKE, 2002, p.27). A partir das aquarelas que Debret fez das festas do Entrudo e da Marimba, entre outros casos, Tutui explora, por um lado, o significado e a proposta dessa forma de arte em relação à vida de Debret, localizando-o geográfica e historicamente, e por outro, como essas mesmas aquarelas ao longo do tempo

passaram a integrar a própria narrativa da nação que se formava. Nas aquarelas, as festas de rua são intrínsecas às relações desiguais de poder e, principalmente, às relações raciais, na medida em que testam seus limites ao mesmo tempo em que os retificam.

As relações raciais e suas intersecções com outras relações de poder, são parte central da discussão presente no artigo de Felipe Araujo Xavier. O historiador tem como locus de pesquisa o convívio em torno dos desfiles das Escolas de Samba em uma pequena cidade mineira, entre os anos de 1960 e de 1970, buscando demonstrar as tensões de classe e raça que permearam esses espaços. Os depoimentos dos habitantes de Rio Novo relatam que as festas de carnaval, da organização ao desfile nas ruas, eram, ao mesmo tempo, marcadoras de uma segregação racial cotidiana e também um ritual de resistência e reafirmação identitárias.

O ensaio visual de Carmen Castillo e Óscar Ulloa Calzada aborda da mesma maneira as relações raciais em uma pequena cidade mexicana localizada em Oaxaca. Se no cotidiano há uma distinção histórica que marca os povos indígenas tacuates como “naturais” em oposição às “pessoas de razão”, as festas de carnaval tornam-se um momento em que há um compartilhamento dos espaços públicos, mas no qual são “re-delimitadas” certas fronteiras étnicas. As fotografias tornam visíveis a maneira que as máscaras e indumentárias tornam-se símbolos identitários nessas festas, ao borrar a percepção das pessoas enquanto indivíduos ao mesmo tempo que convergem a tradição indígena com as práticas tidas como modernas.

Esse mesmo cenário, de construção identitária da nação e das tensas relações raciais, é abordado no artigo de Francisco Nunes Neto que também integra esse dossiê. O historiador analisa como as tias baianas, mulheres que migraram da Bahia para o Rio de Janeiro no final do século XIX, vão aos poucos, tornando-se uma referência no imaginário nacional. Com atuação de destaque na Pequena África, localizada na capital do país, tanto as vestimentas como as festas que organizavam passam a tematizar diversas canções que são analisadas no artigo. Nelas, ao mesmo tempo, raça, festa, regionalismos e cultura são orquestradas na construção e imaginação de uma nação cantada por compositores ilustres como Dorival Caymmi e Vinícius de Moraes. Nesse cenário, tanto a Semana de Arte de 1922 como o surgimento das Escolas de Samba as oficializam como intrínsecas a essa identidade brasileira.

Renata Menezes e Lucas Bártolo também abordam em seu artigo “Quando devoção e carnaval se encontram”, a relação entre as festas e a identidade nacional, “a partir de experiências etnográficas com enredos religiosos em escolas de samba do Rio de Janeiro”. A pesquisa de campo é feita em Escolas de Samba cariocas, mas tem nas devoções religiosas o locus privilegiado de análise. Interessados nesse encontro entre devoção e carnaval, festa e religião, os antropólogos acompanharam os desfiles para “pensar no carnaval não apenas como um espaço-tempo de encenação de modalidades narrativas da devoção, mas como uma das arenas de reconfiguração das relações entre religião, cultura e identidade nacional no Brasil contemporâneo”. Também incorporando a discussão de Bakhtin (1987) sobre

festas carnavalescas, os desfiles cariocas aparecem como um lugar de afirmação da cultura nacional e assim a religião torna-se um dos elementos principais a serem disputados nessa narrativa. Longe de ser harmoniosa, essa relação foi também afetada pela conjuntura política, e os autores mostram no texto como o prefeito que cortou os investimentos públicos dos desfiles enfrentou uma oposição que contém em si toda a dinâmica da pluralidade religiosa.

É interessante perceber como a maioria dos artigos presentes neste dossiê são amplamente influenciados pela obra de Bakhtin (1987; 1997). No entanto, no caso do texto de Menezes e Bártolo a materialidade tão enfatizada pelo pensador russo é também mobilizada na compreensão da relação entre devoção e carnaval. Aquilo que Bakhtin chamaria de ideologia ou misticismo, isto é, análises que lançariam luz ao frenesi e êxtase das festas carnavalescas, não deveriam ser foco na compreensão desses rituais, principalmente porque para o autor, a cultura popular e a cultura da risada produzem uma oposição ao espiritualismo (LACHMANN, 1988).

As fotografias de Frederico Moreira também contestam esse dualismo entre espiritualismo e materialidade, tão presente na obra de Bakhtin. Ainda na temática religiosa, as imagens que compõem o ensaio visual de Moreira foram feitas na festa de Corpus Christi, um feriado nacional, na qual as ruas de Sabará são forradas com os tapetes de serragens sobre os quais a eucaristia passará. O autor explora os tapetes sagrados pela simbologia da sua “efemeridade estética”, da construção coletiva da noite anterior ao desmanchamento durante a procissão católica.

O ensaio de Ana Paula Horta e Carolina Herrera Rojas explora a festa chilena de Nossa Senhora de Andacollo. As autoras demonstram imagetivamente como nessa festa o tradicional e o contemporâneo tem sua existência construída de maneira íntima e concomitante, na medida em que os instrumentos, as roupas e as músicas são dinamizadas entre ‘o local e o global’ em frente a igreja da santa. O Febrero Loko, no período das festas carnavalescas, é fotografado por Fabiola del Rosario Zermeño e David Montoya. Os antropólogos acompanharam em Chiapas, no México, o k’in tajimoltik: a dança do chilon, com a pele do jaguar, a qual é retratada em sua apresentação para turistas que visitam a cidade. Nesse caso, assim como no chileno, o ensaio visual busca demonstrar como a tradição nativa dessa festa é significada e incorporada tanto ritualisticamente como em relação ao turismo local. O ensaio visual de Juarez Bergmann Filho propõe um “caminhar imagético” a partir do circuito de produção e uso de artifícios e artefatos do fandango, festa tradicional paranaense. Fruto de uma tese de doutorado em design sobre a rabeça brasileira, as fotografias compõem uma cartografia de seu universo de pesquisa.

Por fim, o uso de máscaras em festas é o tema de mais dois ensaios visuais do dossiê. Ángela Nanni Álvarez e Maura Vázquez Vargas trazem fotografias da festa mexicana do dia dos mortos: a partir de imagens de procissões de mascarados que passam de casa em casa, as autoras ressaltam como a criatividade individual é importante na criação e na transformação dos símbolos que mantêm viva aquela tradição. Caminho semelhante percorre o ensaio de

Maria Manuela Restivo e Luciano Moreira com fotografias de quatro diferentes festas em Portugal. Por meio das diferentes temáticas e as localidades de cada uma delas, os autores argumentam que as festas com máscaras têm tanto crescido nos últimos anos como se tornado uma nova atração turística do país. Mais uma vez, a prática das tradições encontra novas configurações possíveis na contemporaneidade.

### **Alguns apontamentos finais: transgressão e utopia**

O principal objetivo dessa apresentação, longe de uma tentativa de esgotar as diversas maneiras de se compreender a festa a partir de uma análise social, histórica e antropológica, se dá na intenção de lançar um olhar atento para a constituição das festas como um lugar de potencialidades, cujos efeitos as etnografias aqui apresentadas foram hábeis em mostrar.

Como ficou evidente nos casos e referências escolhidas, a festa é marcada como um momento liminar (TURNER, 1974) em que acontecem os mais variados excessos (BATAILLE, 1987) e, assim, consegue alcançar novas fronteiras (BAKHTIN, 1987; 1997) ou endurecer as antigas na medida em que transgride as normas (CAILLOIS, 2015). A esse movimento extrapolar limites dados, de testar novos mundos possíveis, a partir da exceção da festa potencializada pela arte, é o que chamamos aqui de utopia.

Segundo Bakhtin (1987; 1997), o carnaval e as festas populares contêm uma promessa utópica para emancipação humana por meio de livre expressão do pensamento e da criatividade. Por ser um movimento diretamente ligado com uma ideia de 'coletivo', isto é, não apenas uma junção de pessoas, mas sim uma instituição social que une ideias e corpos, essas festas desafiam as organizações socioeconômicas e políticas.

Ao pensar as festas como expressão de uma revolução permanente, vemos a importância, no atual contexto político, de uma compreensão dessas expressões culturais que indique possibilidades de ação para além da crítica social por si só. Não por acaso, a palavra utopia nos mostra que extravasar o limite aponta um caminho a ser percorrido, mas não garante que ele seja alcançado, ou mesmo desviado. O conjunto de contribuições desse dossiê mostra como as festas do século XIX ao XXI, entre Brasil, Chile, México e Portugal, têm testado os limites postos em relação a gênero, sexualidade, religião, nacionalismo e raça.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, Brasília: Ed. UnB, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Carnival and the Carnivalesque**. In: STOREY, John. *Cultural Theory and Popular Culture: A Reader*. Georgia: University of Georgia Press, 1997, p. 250-259.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. São Paulo: L&PM Editores, 1987.

CAILLOIS, Roger. **O sagrado de transgressão: a teoria da festa**. *Outra Travessia*, 9, 15-55, 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Cultura e ritual: trajetórias e passagens*. In: **Cultura e Imaginário**. Org. Everardo Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998. p.59-68.

CAVALCANTI, Maria Laura. Roberto DaMatta, o carnaval e a interpretação do Brasil. IN: **O Brasil não é para principiantes. Carnavais malandros e heróis, 20 anos depois**. (Orgs. Laura Graziela Gomes, Lívia Barbosa e José Augusto Drummond). RJ: Ed FGV, 2000. p. 143-157.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Drama, ritual e performance em Victor Turner*. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 411-440, Dec. 2013 DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

GEERTZ, Clifford. *Art as a Cultural System*. In: **Local Knowledge, Further Essays in Interpretative Anthropology**, 94-120, 1983.

GELL, Alfred. **Arte e agência**. São Paulo: Ubu,

2018.

GODOY, Adriano; BLANCO, Lis. *Dossiê Artes em Festas: corpos em movimento*. **PROA: revista de antropologia e arte**, 8 (2), 8-14, 2018.

LACHMANN, Renate, et al. *Bakhtin and Carnival: Culture as Counter-Culture*. **Cultural Critique**, no. 11, 1988, pp. 115-152. JSTOR, [www.jstor.org/stable/1354246](http://www.jstor.org/stable/1354246).

LAGROU, Elsje Maria. *Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio*. In: **ILHA - Florianópolis**, v.5, n.2, dezembro de 2003, p. 93-113.

LEACH, Edmund R.. **Rethinking Anthropology**, Robert Cunningham and Sons Ltd., 1961, London: THE Athlone Press & New York: Humanities Press Inc.

LEACH, Edmund R. **Ritualization in Man. Philosophical Transaction of the Royal Society, series B. W 772**. Vol. 251, 1966, pp. 403-408.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia - Um Estudo da Estrutura Social Kachin**. SP: Edusp, 1996.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Revelation and divination in Ndembu ritual**. Ithaca: Cornell University Press, 1975A.

TURNER, Victor. *Symbolic studies*. **Annual Review of Anthropology**, 4, p. 145-161, 1975B.

TURNER, Victor. **Schism and continuity in an African society**. Manchester: Manchester University Press, 1996.

TURNER, Victor. **Floresta dos símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF, 2005.

TURNER, Victor. **Drama, campos e metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.